PRODUTOR: Emissora Nacional ☒ **RDP** ☐

Nº. de referência: 1

Título: "O PIQUENIQUE"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): BARBOSA, MIGUEL

Adaptador: ?

Realizador: GUSMÃO, FERNANDO

Locutor: ?

Data de produção: 23/10/1974 **Data de Emissão:** 28/10/1974

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
COSTA FERREIRA	VITELO, HOMEM DO PIQUENIQUE
CATARINA AVELAR	FERNANDA - UMA PASSAGEIRA
VITOR DE SOUSA	UM TURISTA AMERICANO
LUIS SANTOS	SENHOR X - UM PASSAGEIRO
CARLOS MIGUEL	" Y - OUTRO PASSAGEIRO
CARLOS GONÇALVES	MAQUINISTA

Estado de conservação: Bom ☐ **Razoável** ☒ **Mau** ☐

Tipo de Suporte:

Original ☐ **Cópia** ☒

Registo Sonoro: Sim ☐ **Não** ☒

Nº do Registo Sonoro:

Lopes **(V.S.F.F.)** ⇨

Notas:

- DIRECÇÃO ARTÍSTICA – FERNANDO GUSMÃO

Indexação: – TEATRO RADIOFÓNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS

PROGRAMA N.º 1372

DATA DE ENTREGA 8 OUT. 1974

PROGRAMA 1

ENTREGUE DE 28/X/74

15-30 HORAS

VISTO

FERIADO

A GRAVAR EM 23/X/74

HORA 10.00

NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO

O PIQUENIQUE

PERSONAGENS

Carlos Ferreira — VITELO, o homem do piquenique — Leonel Brito
Carlos Gonçalves — MAQUINISTA
Luís Santos — SENHOR X, um passageiro
Carlos Miguel — SENHOR Y, outro passageiro
Vítor de Sousa — Um turista americano — Duarte F. Alves
Catarina Avelar — FERNANDA, uma passageira

CENÁRIO

Em fundo de cena, vêem-se alguns carris e um comboio virado. Tudo desfeito Pernas de um boneco debaixo da composição.
Em primeiro plano está sentado VITELO, com um lençol e vitualhas

Barulho de comboio que se aproxima e, depois um choque Gritos, apitos, silêncio.

Sobe o pano.

(Vitelo está sentado a comer. Durante alguns segundos barra uma fatia de pão de forma, que come indiferente ao que se passa atrás dele. Aproxima-se 1.° passageiro. Sai da composição de rastos Vem ferido, com a cara cheia de sangue Senta-se ao lado de Vitelo).

VITELO *(estendendo uma sanduíche)* — É servido?

X — Não, obrigado Não tenho fome

VITELO *(mastigando)* — Vinha alguém da sua família no comboio?

X — Minha mulher e dois filhos

(Aproxima-se Y, ferido e de fato rasgado).

Y — Que desgraça! Meu Deus, que desgraça!

(Y mete a mão na algibeira).

Y *(mostra)* — Um nariz.
X — Não é meu Obrigado
Y *(guarda o nariz no bolso)* — Fico com ele Se vier o dono, diga-lhe que sou eu que o tenho
X — Esteja descansado. Dir-lhe-ei

(Y afasta-se Sai da cena).

VITELO *(para X)* — O meu nome é Vitelo Mas não é servido?
X — Já agora Se for assado. .

(Começam a comer).

VITELO *(de boca cheia)* — Morreu?
X *(também de boca cheia)* — Quem? Eu?
VITELO — Não A sua mulher e os seus filhos *(Estende o pimenteiro).*
X *(aceitando)* — Obrigado Se quer que lhe diga não sei Acho que sim
VITELO — Vejo que não perdeu o apetite Gosto das pessoas que não perdem o apetite Eu, Vitelo, nunca o perco Como de tudo um pouco títulos de Estado
X — Ah! Um Vitelo mamão Mas já agora passe-me também o sal
VITELO — É um monstro? Um pequeno monstro?
X — Sou, confesso-o
VITELO — Sem sentimentos? Nenhuns?
X — Nenhuns
VITELO — Eu também sou um monstro Mas isso a si nunca o preocupa?

X — Não Ne
VITELO — É
X — Não Co

(Aproxima
Senta-se ao

MAQUINISTA — minha
VITELO — Nã
MAQUINISTA —
VITELO — Nã
MAQUINISTA (
X — Também
VITELO — E
MAQUINISTA — sivos
X — Só me da Se as tives
VITELO — Ai Bem ou m
X — Havia os frieiras
VITELO — Est
X — De dia p nuto Mas servia vid comiam tu
MAQUINISTA — tira O out
VITELO — Nã
MAQUINISTA (um comboi
VITELO — Nã

X — Não Nem por isso Bem vê, na nossa profissão

VITELO — É coveiro?

X — Não Corretor de bolsa

(Aproxima-se o maquinista Todo mascarrado e ferido Senta-se ao lado deles).

MAQUINISTA — Estou lixado Agora vão dizer que a culpa foi minha

VITELO — Não se preocupe

MAQUINISTA — O senhor não se importa?

VITELO — Não

MAQUINISTA *(para X)* — E o senhor?

X — Também não

VITELO — E morreu-lhe a mulher e os filhos!

MAQUINISTA — Obrigado Oxalá todos fossem tão compreensivos.

X — Só me davam despesas E eram umas crianças impossíveis Se as tivessem conhecido compreendiam

VITELO — Ainda bem, ainda bem Gosto de crianças educadas Bem ou mal educadas tanto me faz Têm é de ser educadas

X — Havia os livros, as matrículas, as doenças E comiam como freiras

VITELO — Estavam naturalmente a crescer

X — De dia para dia, de hora para hora, de minuto para minuto Mas não sei onde metiam tanta comida Tudo lhes servia vidros, móveis, madeira, acções, títulos de caução comiam tudo

MAQUINISTA — Vão dizer que eu vinha depressa de mais É mentira. O outro comboio é que vinha demasiado devagar

VITELO — Não foi nenhum comboio

MAQUINISTA *(espantado)* — Não?! Tem a certeza? Não era um comboio?

VITELO — Não

MAQUINISTA — Pareceu-me Quase que ia jurar *(para X)* Mas então choquei com quê?

X — Não sei, não vi.

VITELO — Eu estava aqui Eu vi Com coisa nenhuma. Nada que valha a pena mencionar

MAQUINISTA — Mas .

X — Não houve nenhum acidente O descarrilamento nunca existiu É uma dessas tão vulgares como curiosas partidas de imaginação.

MAQUINISTA *(esperançado)* — Ah! Não houve um desastre?!

X — Não Foi o seu mundo, o seu pequeno mundo que saiu dos carris A sua vida que nunca carrilou.

MAQUINISTA — A miséria

VITELO — Falta de adaptação, nada mais Eu adapto-me nunca descarrilo.

MAQUINISTA — Mas foi tudo tão real Se olhar, eu vejo .

VITELO *(pega na garrafa do vinho)* — Não olhe Se não nunca se livra do pesadelo! Ouça A que horas passa aqui normalmente o seu comboio?

MAQUINISTA — Às dez

VITELO — E que horas são?

MAQUINISTA — Sete.

VITELO *(enchendo os copos)* — Bem vê, ainda vem a três horas de viagem.

MAQUINISTA *(espantado)* — É extraordinário! Então ainda venho em viagem! Na verdade, saí de Lisboa às quatro. É incrível! Ainda não cheguei aqui!

VITELO *(pega no copo)* — A todos os descarrilamentos do mundo!

X *(levantando o copo)* — Hip, Hip, Hurrah!

VITELO — Hurrah!

MAQUINISTA — A gente sai dos carris para fugir à monotonia, à fome, à miséria Obrigam-nos a andar sempre nos mesmos carris e .

X — Vou passar a descarrilar todos os dias.

VITELO *(levantando-se*
tros descarrilem
outros

(Põem-se todos at
boio, com maquini

MAQUINISTA — Pouca

X e VITELO — Uh!

MAQUINISTA *(parando*
a terra?

X — Chega para todo

MAQUINISTA — Para

VITELO — Mas há os

MAQUINISTA — A ter

X *(sentando-se)* — A

MAQUINISTA — A ter

X — Mas eles não co
e, afinal, também

MAQUINISTA *(para*
piqueniques?

VITELO — Todos os

X — Porquê? Por que

VITELO — À espera d
que este sítio é bo

X — É o primeiro?

VITELO — Sim, é o
tende uma fatia de
uns miolos?

X — Para quê?

VITELO — Para pôr

X — Não Obrigado

MAQUINISTA *(para V*

VITELO — É natural
os dias.

para X) Mas

nhuma. Nada

mento nunca
iosas partidas

im d[illegible]tre? !
indo que saiu

pto-me nunca

ar, eu vejo
Se não nunca
aqui normal-

vem a três

Então ainda
oa às quatro

ilamentos do

à monotonia,
ipre nos mes-

VITELO *(levantando-se)* — Descarrilemos Eu gosto que os outros descarrilem Aproveito-me dos descarrilamentos dos outros

(Põem-se todos atrás uns dos outros, simulando um comboio, com maquinista à frente)

MAQUINISTA — Pouca terra, pouca terra Uh! Uh!
X e VITELO — Uh! Uh! Pouca terra
MAQUINISTA *(parando)* — Pouca terra!? *(Senta-se).* É pouca a terra?
X — Chega para todos Há terra para todos
MAQUINISTA — Para que descarrilar então?
VITELO — Mas há os que comem terra Eu como terra
MAQUINISTA — A terra dos outros
X *(sentando-se)* — A terra de todos
MAQUINISTA — A terra é que nos come a nós.
X — Mas eles não compreendem Julgam que comem a terra e, afinal, também são comidos
MAQUINISTA *(para Vitelo)* — Costuma vir para aqui fazer piqueniques?
VITELO — Todos os dias
X — Porquê? Por que passa aqui os seus dias?
VITELO — À espera de qualquer descarrilamento Sempre pensei que este sítio é bom para catástrofes
X — É o primeiro?
VITELO — Sim, é o primeiro que eu vejo esta semana *(Estende uma fatia de pão de forma e um pequeno boião)* Quer uns miolos?
X — Para quê?
VITELO — Para pôr no pão É bom com pão
X — Não Obrigado
MAQUINISTA *(para Vitelo)* — Já o conhecia de vista
VITELO — É natural Como lhe disse, venho para aqui todos os dias

MAQUINISTA — Quando passava o comboio, via-o E muitas vezes desejei juntar-me aos seus piqueniques Alinhai no seu grupo de comilões

VITELO — Piquenicar comigo Vê Aí tem É por isso que se deu o desastre

MAQUINISTA — Houve um desastre!

VITELO — Não É um pesadelo, já lhe disse O desejo de vir fazer um piquenique comigo, levou-o a conceber um descarrilamento e é essa mesma imaginação que o pode levar de novo, sempre que quiser, a pensar que não houve descarrilamento E até a piquenicar

MAQUINISTA — Mas hei-de sempre pertencer aos que só são comidos, aos que nunca comem

VITELO — É preciso saber viver Precisamos de nos adaptar .

MAQUINISTA — Se bem o compreendo, eu estou neste momento a pensar que vou ter um desastre *(Afluto)* Mas quando o comboio chegar aqui, não haverá o perigo de um acidente de verdade?

X — Não se mortifique

MAQUINISTA *(para X)* — E o senhor vem todo o caminho a desejar que eu descarrile e que morram a sua mulher e os seus filhos?

X — Deve ser isso É isso mesmo Bem observado Freudiano

MAQUINISTA — Tanta gente a desejar esse acidente! E tudo aqui neste mesmo sítio, no cimo desta colina

VITELO — Houve um grande descarrilamento aqui, há vinte anos Mas não adianta pensar no que poderá acontecer.

MAQUINISTA — É preciso que me acordem, que alguém me avise Eu não posso ter luxos desses Que ganho eu com isso?

VITELO — Não se preocupe, não haverá desastre nenhum. Nunca ninguém saiu dos carris pelo facto de os outros o desejarem Há ditadores que milhões de pessoas

MAQUINISTA — Gostavam de ver descarrilar, é certo

X — É consolador a gente ter imaginação Até pode fugir à realidade.

VITELO — V

X — Ou não

VITELO — N

X — Fugir à

(Entra o rinha)

TURISTA — F
mento? É

MAQUINISTA

TURISTA — I

MAQUINISTA

TURISTA — (

VITELO — V(

MAQUNISTA –

VITELO — Ca

MAQUINISTA
de mais e
menos e (

TURISTA — T

VITELO — N.

TURISTA — (

MAQUINISTA

TURISTA — E
tos mortos

VITELO — N.

TURISTA — N
sendo o p

X — Não Ex

TURISTA — C
inundaçõe

MAQUINISTA

io, via-o E muitas
niques Alinhar no

É por isso que se

se O desejo de vir
a conceber um des-
o que o pode levar
que não houve des-

cer aos que só são

os de nos adaptar
stou neste momento
lito) Mas quando o
igo de um acidente

todo o caminho a
a sua mulher e os

servado Freudiano
acidente! E tudo
olina
nto aqui, há vinte
oderá acontecer
), que alguém me
ganho eu com isso?
des e nenhum
cto de os outros o
pessoas
r, é certo
Até pode fugir à

VITELO — Ver só as coisas que se quer ver
X — Ou não ver o que se quer
VITELO — Não enfrentar a vida
X — Fugir à realidade Esconder a falta de coragem para lutar

(Entra o Turista americano Vem pelos carris, numa carrinha).

TURISTA — Por quanto é que o senhor vende o descarrilamento? É seu?
MAQUINISTA — Não está à venda
TURISTA — Faça um preço
MAQUINISTA — Ainda não pensei
TURISTA — Compro-lho Diga uma verba
VITELO — Venda-lho, venda-lho
MAQUNISTA — Mas não há
VITELO — Cale-se Ele não sabe Venda-lho
MAQUINISTA — Nunca vendi nenhum Não sei Posso pedir-lhe de mais e o senhor chama-me agiota, posso pedir-lhe de menos e o senhor chama-me parvo
TURISTA — Tem tido mais descarrilamentos?
VITELO — Não Este é o primeiro
TURISTA — Quanto?
MAQUINISTA — Não vendo.
TURISTA — Eu compro tudo É um lindo descarrilamento Muitos mortos?
VITELO — Não sabemos bem Aí uns duzentos
TURISTA — Nada mau para um principiante Principalmente, sendo o primeiro Sabotagem, não?
X — Não Excesso de imaginação
TURISTA — Compro os excessos Compro tudo Correntes de ar, inundações, terramotos, imaginações
MAQUINISTA — Para quê?

TURISTA — Vendo depois aos turistas americanos Recordações da Europa Tudo se vende, tudo se paga O *best-seller* da semana foi a biografia de um espirro, contada por ele próprio

MAQUINISTA *(espantado)* — Um espirro! Só um espirro?

TURISTA — Só um espirro Desde o nascimento até à morte por asfixia num lenço de cambraia de uma velha e constipada senhora Comecei por comprar a corrente de ar que lhe deu origem, depois as memórias .

X — Do espirro?

TURISTA — O que interessa é comprar, o que conta é vender Sem comprar não se vende, sem vender não se compra. Tudo se vende

VITELO — Consciências .

TURISTA — Tudo Compro tudo Terramotos, consciências, ideias, ilusões O senhor é capaz de fazer outro descarrilamento?

MAQUINISTA — Para quê?

TURISTA — Para eu ver.

MAQUINISTA — Não faço descarrilamentos para as pessoas verem

TURISTA — É pena Pago melhor quando vejo primeiro o que compro.

X — Ninguém descarrila por vontade.

MAQUINISTA — Obrigam a gente a descarrilar

TURISTA — Quantos mais mortos melhor Mas duzentos mortos já não é mau Claro que, se fosse em Dallas ou Chicago .

MAQUINISTA — Não houve descarrilamento, estou farto de lhe dizer

TURISTA — Não houve! Ora essa!

MAQUINISTA — Descarrilou só na minha imaginação

X — E na minha.

VITELO — Na minha, também

MAQUINISTA — Descarrilaram as imaginações todas. Foi um descarrilamento total de imaginações

TURISTA — Se isso lhe co
os corpos torcidos, sen

MAQUINISTA *(gritando)* —
mortos!

TURISTA — Mas, olhe Se
baixo de uma composi

MAQUINISTA *(aflito)* — I
olhar

VITELO *(levantando o cop*
aos problemas Brind
imaginação!

MAQUINISTA — Sim, brin
que vivem e não prote
não há miséria, que na

(Sai Fernanda, uma m
comboio)

TURISTA — É a grande v
xam-nos a imaginação.

MAQUINISTA — Para mata

VITELO — Quando se tem

MAQUINISTA — Come-se

X — Não Mas a gente p
pessoas são sãs, que o
e que o Rato Mickey

VITELO — É o rei do Mór

(Fernanda encontra
Aperta-o contra si Ag

X — Por exemplo, eu est

MAQUINISTA — Como é e

X — Mulher do povo, des
o corpo de uma crianç
Agasalha-o.

nericanos Recordações
paga O *best-seller* da
irro, contada por ele

! Só um espirro?
ascimento até à morte
de uma velha e cons-
r a corrente de ar que

o que conta é vender
ender não se compra

ramotos, consciências,
e fazer outro descarri-

ntos para as pessoas

o vejo primeiro o que

irrilar
Mas duzentos mortos
Dallas ou Chicago
ito, ou farto de lhe

imaginação

ações todas Foi um

TURISTA — Se isso lhe convém É mais cómodo Mas eu vejo os corpos torcidos, sem vida, sem braços, mortos

MAQUINISTA *(gritando)* — Não! Por amor de Deus, não estão mortos!

TURISTA — Mas, olhe Se olhar, vê . Duas pernas saindo debaixo de uma composição

MAQUINISTA *(aflito)* — Não quero olhar Tenho medo de olhar

VITELO *(levantando o copo)* — A imaginação ajuda-nos a fugir aos problemas Brindemos à saúde das pessoas que têm imaginação!

MAQUINISTA — Sim, brindemos aos que a têm, porque julgam que vivem e não protestam Imaginam que não há frio, que não há miséria, que não há descarrilamentos .

(Sai Fernanda, uma mulher ferida, esfarrapada, debaixo do comboio)

TURISTA — É a grande vantagem dos países civilizados Deixam-nos a imaginação

MAQUINISTA — Para matar a fome

VITELO — Quando se tem imaginação não se tem fome.

MAQUINISTA — Come-se a imaginação?

X — Não Mas a gente pode pensar que a vida é boa, que as pessoas são sãs, que o Plano Marshall salvou a humanidade e que o Rato Mickey

VITELO — É o rei do Mónaco

(Fernanda encontra um corpo de criança nos destroços. Aperta-o contra si. Agasalha-o).

X — Por exemplo, eu estou a imaginar que vejo uma mulher

MAQUINISTA — Como é ela?

X — Mulher do povo, desgrenhada, cheia de sangue Encontrou o corpo de uma criança Deve ser o filho, que está morto Agasalha-o

VITELO — Estúpida mulher! Se tivesse imaginação, podia pensar que ele estava vivo, que não houve nenhum acidente, até que . .

MAQUINISTA *(aflito)* — Não, não Mudemos de imaginação. Essa não convém

X — Fujamos à miséria.

VITELO — Sim, pensemos noutra coisa mais agradável

TURISTA — Que estamos num harém dum palácio das Mil e Uma Noites .

X — Eu sou o marajá.

MAQUINISTA — E eu o grã-vizir.

TURISTA — Perdão, se há alguém a fazer de eunuco, não sou eu .

FERNANDA — Meu Deus, o meu filho, o meu rico filho!

(Canta a embalar o filho).

MAQUINISTA *(espantado)* — É uma imaginação que fala!

VITELO — Até canta!

MAQUINISTA *(como que a convencer-se)* — Não houve nenhum descarrilamento, nada Não houve nada

X — Nem fome, nem miséria, nem problemas Não há bombas Isto é um mundo ideal *(levanta o copo)* Hip-Hip .

TODOS *(levantam os copos)* — Hurrah!

FERNANDA — O meu querido filho, o meu rico filho!

VITELO — Pobre mulher Falta-lhe imaginação A imaginação que conforta, que leva os pobres a jogar na lotaria, a lotaria

X — A jogar nos pobres Sim, se a tivesse, nada disto lhe tinha sucedido

VITELO — Amoldava-se aos acontecimentos Não sofria

MAQUINISTA — Nem descarrilava

VITELO — Passava a piquenicar com a gente.

X — A esquecer a fome, a miséria Pobre gente, que só tem barriga e não tem imaginação nenhuma. .

VITELO — Sin
bocadinho
vantemos,
que a tem
TODOS — Hip

nação, podia pen-
nenhum acidente,

s de imaginação

agradável.
pal● das Mil e

de eunuco, não

rico filho!

o que fala!

o houve nenhum

s Não há bom-
po) Hip-Hip

f●●o!
● imaginação
na lotaria, a lo-

disto lhe tinha

ão sofria

nte, que só tem

VITELO — Sim! Pobre mulher, pobre gente, que não tem um bocadinho de imaginação Como querem ser felizes?! Levantemos, pois, as taças e façamos mais uma saúde a nós, que a temos e sabemos viver *Hip Hip .. Hurrah!*

TODOS — Hip . Hip Hurrah!

D.S P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa MINITEATRO-"O PIQUENIQUE"

Referência { N.º/R.P.L. 1372 ; N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas { da gravação 23 de 10 de 1974 às 10.00 horas. ; da 1.ª emissão 28 de 10 de 19 74 Programa

Director artístico FERNANDO GUSMÃO Fernando Gusmão

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
COSTA FERREIRA	Vítima	Costa Ferreira
CATARINA AVELAR	[illegible]	Catarina Avelar
VÍTOR DE SOUSA	Turista Americano	Vitor de Sousa
LUIS SANTOS	[illegible]	Luis Santos
CARLOS MIGUEL	[illegible] Senhor	Carlos Miguel
CARLOS GONÇALVES	Maquinista	Carlos Gonçalves

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, de de 196

Mod S P 139